

MARCAS LINGÜÍSTICAS E PRAGMÁTICAS DE DELIMITAÇÃO DAS FRONTEIRAS DO TEXTO COMO MECANISMOS DE CONECTIVIDADE

Maria Elias Soares

Universidade Federal do Ceará

1 - Introdução

A análise que se segue pretende descrever os mecanismos utilizados para estabelecer as fronteiras do texto, marcando um limite entre o contexto situacional e o textual, separando o que é externo e, ao mesmo tempo, introduzindo o que é ou passa a ser interno ao texto. São duas as questões que orientarão a análise dos delimitadores. A primeira surgiu da necessidade metodológica de identificar a produção da criança como texto narrativo e relaciona-se com o papel desses mecanismos na indicação das fronteiras de texto. A segunda questão envolve a análise do papel dos delimitadores enquanto instauradores de textualidade. Julgamos necessário discutir os níveis em que esta função se realiza e o modo como os delimitadores são constituídos em termos de expressão lingüística.

Pretendemos sugerir que esta habilidade liga-se ao desenvolvimento de uma concepção de texto como estrutura delimitada e da capacidade de controlar a produção textual, mesmo quando não-planejada formalmente, em termos estruturais. Nosso propósito é identificar o tipo de delimitadores preferidos pelas crianças em cada faixa etária e as diferenças decorrentes da variação de idade/escolaridade e de modalidade lingüística. Na discussão, será avaliado o papel desses delimitadores no estabelecimento da estrutura coesiva do texto, entendida num nível que vá além do estritamente lingüístico.

Para verificar a hipótese de que, a partir dos 3 anos, as crianças começam a usar, em sua produção espontânea¹, marcas lingüísticas e pragmáticas com o objetivo de “separar” seu texto do resto da conversação, trabalhamos com uma amostra de 80 textos produzidos por crianças na faixa etária entre 3;2 (três anos e dois meses) e 9;2 (nove anos e dois meses), de duas escolas de classe média de Fortaleza, cursando do maternal à 3ª série. Participaram da situação de produção oral 50 crianças (26 meninos e 24 meninas), enquanto as 30 restantes (11 meninos e 19 meninas) participaram da situação de produção escrita. Para estabelecer parâmetros de análise e verificar a pertinência de algumas suposições, foram escolhidos 12 adultos, estudantes universitários de classe média, com idade entre 18 e 30 anos, que produziram textos na modalidade oral (2) e escrita (10).

2 - A constituição das fronteiras do texto

O estudo do desenvolvimento da competência textual vem sendo feito sob diferentes perspectivas. Grande parte dos estudos que têm, segundo julgamos, como propósito explicar o desenvolvimento da competência textual através de processos psicológicos envolvidos na produção do texto focalizam a construção de narrativas através de recursos como a introdução e a manutenção de referentes, envolvendo aspectos relativos à continuidade do texto, particularmente aquela realizada pelos recursos anafóricos (Hickman, 1980, 1982, 1991; Karmiloff-Smith, 1980 e 1981; Bamberg, 1986; Gopnik, 1986; Vieira, 1987, 1989, 1996).

¹ Embora estejamos trabalhando com a produção espontânea, usando um método naturalístico, reconhecemos que a situação de produção conferiu aos textos orais um certo grau de formalidade, quase inevitável em qualquer pesquisa, pois estes foram obtidos de uma forma dirigida (uma pergunta) e em situações que não são rotineiramente vivenciadas pela criança: o contexto escolar; uma sala exclusiva, um gravador, uma pessoa que não é da escola...

Esses autores em geral discutem problemas teóricos no âmbito do estudo dos recursos de coesão - a sentença ou o discurso, mas não dão um tratamento específico à questão do dimensionamento do texto e de seus diversos tipos, de modo a permitir-nos trabalhar de forma segura, particularmente quando a pesquisa envolve dados da modalidade oral.

Se o texto é tomado como âmbito de estudo dos recursos de coesão, parece-nos necessário defini-lo como unidade, tal como acontece com a sentença. Será este o resultado de um recorte feito a qualquer momento num conjunto de enunciados ou teria uma estrutura linguisticamente marcada? Neste caso, deverá ser possível prever formas que indiquem onde o texto começa e onde termina, o que permitirá discutir se a produção dialógica de uma criança poderia ser tomada como texto e definir parâmetros para reconhecer, nessa modalidade de produção, um tipo particular de texto.

Dadas essas questões, a definição de texto como objeto de estudo inserido numa teoria de discurso tem uma importância prática e sobretudo metodológica. Um dos parâmetros usados para definir o texto poderia ser a extensão, a qual pode relacionar-se inicialmente com o que se toma como unidade de análise e com o objetivo desta (a coesão ou a coerência). Para Halliday e Hasan (1976), a palavra texto designa qualquer passagem escrita ou falada, de qualquer tamanho, que forme um todo coerente; enquanto, para Karmiloff-Smith (1979:235), o texto deve ser tomado como uma unidade maior que a sentença, quando se trata do estudo da coesão.

Tratando da extensão do texto, Schveiger (1986) comenta que é paradoxal que tenhamos dificuldades em definir o status de uma entidade que pode ser caracterizada espacialmente, mas cuja dimensão é difícil de definir. Na verdade, não só a dimensão mas também a delimitação do texto são cruciais quando se trata de decidir, por exemplo, o que, num contexto conversacional, em que um dos interlocutores narra um fato, descreve um objeto ou argumenta em favor de uma

determinada idéia, poderia ser tomado como texto. Teríamos um ou vários textos?

Na maioria das vezes, o contorno entoacional e as pausas são tomados como indicação do término do texto (cf. Tannen, 1982 e Chafe, 1980). Essas marcas, que decorrem de alterações na interação pragmática, além de serem genéricas, referirem-se apenas à fala e apontarem para um conceito muito amplo de texto, não parecem ser os únicos meios de que o falante dispõe para marcar essa função. É necessário, portanto, identificar recursos lingüísticos explícitos que não se apliquem apenas à modalidade oral e demonstrar sua funcionalidade na organização textual.

Tratando da modalidade escrita e na perspectiva da lingüística textual, Marcuschi (1983: 16-25) sugere a categoria dos delimitadores textuais unidirecionais como fatores de contextualização. Definidos como mecanismos externos ao texto, não necessários para a constituição da textualidade, tais fatores dividem-se em **contextualizadores** (assinatura, localização, data e elementos gráficos) e **perspectivos** (título, início e autor). Embora apresentado como elemento externo, constatamos que o **início** foge a essa categorização, pois o próprio Marcuschi reconhece um princípio que rege a estrutura textual, segundo o qual o início de um texto cria raios de dependência com certo alcance, atuando de forma restritiva na organização da informação.

Numa perspectiva psicolingüística e analisando o texto como processo, Gopnik (1996) considera os delimitadores das fronteiras do texto como o recurso de conectividade fundamental. Segundo a autora, são estas fronteiras que determinam o objeto sobre o qual atuam os outros mecanismos de coesão e estabelecem um campo no qual a interpretação desses mecanismos pode ser garantida. Gopnik baseia sua análise num corpus de 81 histórias produzidas a partir de gravuras, previamente discutidas, por 27 crianças entre 4 e 6

anos de idade, testadas individualmente, em suas casas, no intervalo de 6 meses.

Com base nesses dados, a autora procura estabelecer as funções lingüísticas e psicológicas que subjazem ao uso de delimitadores formais e a relação entre estes e os mecanismos de coesão, buscando suporte para a hipótese de que a função de inícios e finais formais é destacar a história de um discurso que vinha antes dela e removê-la de seu contexto pragmático particular. Esses delimitadores não são apenas fórmulas ou frases feitas, mas, sim, marcadores de compreensão de regras textuais e pragmáticas mais profundas.

Gopnik afirma que inícios e finais formais exercem funções diferentes e independentes na estrutura do texto. A função do início formal é alertar o ouvinte para dois fatos a respeito do ato de fala em andamento: que o falante está delimitando o texto de uma conversação prévia e permitir ao ouvinte saber que o texto que se segue deve ser entendido como uma história, a qual supõe necessariamente um ouvinte neutro e inespecífico. A função do final formal, segundo Gopnik, é diferente, pois marca explicitamente o final da história, mas não tem conseqüências para o texto que se segue.

Além das funções propostas por Gopnik (1986), pretendemos demonstrar, neste trabalho, que os delimitadores iniciais funcionam como um macrotópico que atua de três modos: a) aciona esquemas de ações humanas relativos ao tema a ser desenvolvido (por exemplo: passeio, e daí um passeio em particular); b) enquadra esse esquema numa tipologia de texto (a narrativa, por exemplo); c) funciona como marcador para o estabelecimento da coesão dentro do texto. Quanto ao delimitador final, achamos, contrariamente ao que sugere Gopnik, que sua função é igualmente relevante para a estrutura textual, porque: a) permite um controle das expectativas do ouvinte / leitor; b) orienta a interpretação, no sentido de favorecer a recuperação ou a avaliação do esquema evocado em termos de conclusão da ação; c) marca a fase final do esquema

narrativo e retoma o macrotópico para dar um fecho ao texto. Estas três funções estão interligadas, já que todas se manifestam através da mesma entidade, sendo difícil falar de cada uma separadamente, sobretudo das duas primeiras.

3 - Configuração e funções dos delimitadores de texto

Para tentar classificar os elementos que marcam as fronteiras do texto, estamos propondo duas classes de delimitadores, conforme se relacionem com o texto ou com o contexto da tarefa: o primeiro tipo será denominado de **delimitadores textuais** e o segundo de **delimitadores metatextuais**, que podem colocar-se no início (iniciais) ou no final do texto (finais). Os **delimitadores textuais** atuam dentro do texto de dois modos: como uma seqüência de abertura ou como tomada direta da ação. De uma forma ou de outra, estes elementos criam uma conexão com as diversas partes do texto e podem estar relacionados com o grau de formalidade da situação, com o tipo de história a ser contada (contos infantis, fábulas e contos populares em geral costumam ter começos e finais convencionais), ou com certas decisões retóricas².

Para designar os delimitadores do primeiro tipo, que são denominados de formais por Gopnik (1986), utilizaremos o termo **convencional**, uma vez que este tipo de delimitador, inicial ou final, tende a representar comportamento típicos e até estereotipados de produção de textos e representam pistas seguras para orientar o ouvinte / leitor na interpretação de categorias narrativas (cenário e resolução), elementos estruturais (introdução e conclusão) e estratégias referenciais (segue a regra de que devemos usar referência indefinida ao introduzir

² O livro "História meio ao contrário" de Ana Maria Machado (1980), por exemplo, inicia com a expressão que costuma ser usada como delimitador final, "E então eles se casaram, tiveram uma filha linda como um raio de sol e viveram felizes para sempre".

entidades pela primeira vez). O delimitador final convencional, além de marcar a categoria narrativa da resolução, tem a função de manter e/ou recolocar o sujeito temático em foco.

A dificuldade decorrente da necessidade de classificação, dentre tantas possibilidades de começar um texto, levou-nos a indagar se seria possível prever padrões de convencionalidade em relação a início de textos, e a propor uma escala com base nos textos escritos (ver análise adiante). Poderíamos exemplificar os delimitadores convencionais que atuam no início do texto, introduzindo o tópico através de uma referência indefinida (2 e 3); ou no final, como conclusão do evento (4), opinião avaliativa (5), retomada de estratégia retórica utilizada em algum ponto da narrativa (6), o atingimento da meta ou a resolução de um conflito (7).

- (2) Na minha terra havia um homem chamado Josué ...
- (3) Há muitos e muitos anos quando não existia televisão ...³
- (4) Então todos foram embora.
- (5) Nunca mais surgiu cometa igual, assim terrível, desdenhoso e belo.⁴
- (6) E o príncipe? Era uma vez ...⁵
- (7) E o espantalho passeava por toda parte, livre como gente.⁶

Ao classificar os delimitadores convencionais a partir dos textos orais das crianças pequenas, consideramos, como tal, formas que julgamos ser um embrião de delimitador convencional, por parecerem indicar o desenvolvimento de recursos mais elaborados. São, por exemplo, aqueles que começam com uma referência temporal dêitica (sábado passado, no último fim-de-semana, num dia das férias). Desse modo, o critério que usamos para rotular um delimitador como convencional ou não-convencional, ao realizar a análise dos

³ Rocha (1985) Cometa Halley. São Paulo. Circulo do Livro.

⁴ Id. Id.

⁵ Machado (1980) op. cit.

⁶ Santos (1979) O Curupira e o espantalho. São Paulo. Abril/MEC.

dados, foi determinado pela configuração da(s) sentença(s) que introduz(em) o tema da narrativa. Consideramos convencionais aqueles delimitadores que contêm expressões formulaicas, expressões indefinidas ou qualquer outra que introduza SN precedido de artigo indefinido e que podem se adequar também a narrativas em primeira pessoa, como ilustramos abaixo.

- (8) Um certo dia eu fui viajar para Guarajá Mirim...
(Maíra 9;3)
- (9) Começou tudo quando eu estava... (Aline, 7;3)
- (10) Dos passeios que eu já fiz, um... (Hozana, 22)

Na posição final, os delimitadores convencionais relacionam-se com a completude do texto e do evento. Estamos sugerindo que o delimitador final convencional realiza dentre outras, pelo menos uma das quatro funções seguintes, indicando/apresentando: a) a conclusão do evento; b) uma opinião avaliativa; c) o resultado final de uma situação; d) a resolução de um conflito/atingimento da meta. Tal como postulamos para os delimitadores iniciais, deve haver graus de convencionalidade que teriam seu nível mais alto nas opiniões avaliativas ou arremates envolvendo uma moral, e seu ponto menos estereotipado nas conclusões temáticas do evento narrado. Histórias triviais como as que compõem o corpus deste trabalho, baseadas num tema que, em princípio, não sugere, conflito ou jogo de forças antagônicas, dificilmente teriam delimitadores com alto grau de convencionalidade, a não ser nos textos escritos das crianças maiores. Os fechos mais comuns se expressam como arremate conclusivo do evento, ou expressões avaliativas como em (11), (12) e (13).

- (11) ...Aí depois a mamãe 'tava cansada...ai... ele
saiu, foi lá p'ra... p'ra casa. (Germana, 3 ; 9)
- (12) ...E assim foi minhas férias. (Carlos, 9 : 6)
- (13) ...Ainda bem que... o cavalo nem me derrubou.
(Salomão, 5 ; 4)

Ao escolher um delimitador convencional, a criança aponta para três requisitos importantes em relação ao que se

exige de um texto narrativo como uma estrutura delimitada. Ela demonstra conhecer: a) o esquema relativo ao tema de sua narrativa; b) o plano global do texto, pois parece construir sua história a partir de um plano que conserva na memória e lhe permite manter e acompanhar a mesma entidade introduzida no começo da narrativa, ligando os dois elos da corrente; c) a estrutura narrativa, já que os delimitadores podem expressar categorias narrativas, como cenário e desfecho.

O segundo tipo de delimitadores textuais, que denominaremos **não-convencional**, permite uma entrada direta no universo textual, sem criar um cenário que conduza o pensamento para a descoberta do universo que se anuncia. Este processo de delimitação ocorre no início do texto. Não se apresentando o delimitador convencional que serve de elemento introdutório do tópico ao qual os outros segmentos do texto se ligam coesivamente, serão necessários outros mecanismos para o estabelecimento de um elo inicial de conectividade. Frequentemente este elo vai ser procurado na sentença que estabelece a tarefa e por conseqüência o tema do relato; por isso dizemos que o delimitador é **ancorado**⁷ sentencialmente, quando o primeiro segmento da narrativa retoma explicitamente parte da sentença-tema (14 e 15), ou tematicamente, quando o primeiro segmento atende diretamente à tarefa dada através da tomada imediata do tema (16) a (18). Desse grupo participam também aqueles introduzidos por marcadores conversacionais (16 e 17)⁸. Portanto os delimitadores não-convencionais são aqueles que se realizam de forma implícita, que não contextualizam as fronteiras do texto através de marcas lingüísticas explícitas, mas se realizam de forma dialógica “ancorando-se” na pergunta do interlocutor para iniciar o texto.

⁷ O termo ancorado inspira-se na taxonomia que Prince (1981) propôs para classificar as entidades conforme o modo como são introduzidas no discurso.

⁸ Os exemplos de (16) e (17) foram criados pela autora, parafraseando formas comumente usadas para iniciar narrativas orais.

Neste caso, podemos sugerir que a “ancoragem” é uma manifestação de intertextualidade, pois o novo texto se apoia em parte da conversação anterior através de relações lexicais ou associações com o tema dado. O processo de “ancoragem” parece ser um procedimento usual na fala e na escrita, uma vez que o texto a ser produzido se apóia no título/texto/conversação anterior, por meio de relações lexicais e/ou temáticas.

- (14) P- Conte o seu passeio, você saiu neste fim-de-semana?
C- Sai p'a praia, praia do Pacheco. (Saulo 5 : 4)
- (15) P- Conte o passeio que você fez.
C- Eu passei lá na farmacinha. (Janaína, 3 : 5)
- (16) C- Sabia? Eu fui a um Hotel Fazenda.
- (17) C- Olha, eu passei as férias na casa do meu avô.
- (18) P- Ana, você pode contar um passeio?
C- Eu fui p'a Barro Preto com meu pai, com minha família - meu pai, com minha mãe, meu irmão, com minhas irmãs. (Ana Renêe, 9 : 0)

No caso de (14) e (15) dizemos que o delimitador é ancorado sentencialmente, porque o macrotópico da narrativa da criança retoma parte da sentença da pesquisadora (Saiu - saí; passeio - passei). Em (16), (17) e (18) dizemos que houve ancoragem temática (passeio - ir para a casa do avô, a um Hotel Fazenda etc).

Como se vê, a frase-tema nas narrativas orais desempenha um papel que muitas vezes é representado na escrita pelo título. Este, tanto funciona como delimitador, como tem uma função importante na estrutura temática do texto. Em geral as histórias com delimitação ancorada iniciam com artigo definido, pronomes exofóricos ou elemento fonologicamente nulo, o que revela a vinculação desses textos ao discurso do interlocutor. Neste caso, o início da história dispensa o cenário, talvez porque o produtor confie no caráter dialógico da interação, que supre essa categoria narrativa sem interferir na construção do modelo de discurso.

No final do texto, o que chamaríamos delimitador não convencional será mais propriamente classificado como final **não-delimitado** e pode ser descrito como uma estratégia que a criança utiliza para concluir sua narrativa sem que os eventos sejam desenvolvidos completamente, por causa de uma interrupção num dos pontos do desenvolvimento do plano ou da mudança de curso da trajetória de entidades introduzidas no início da narrativa. Preferimos não usar a denominação “delimitadores finais não-convencionais”, mas “textos com final não delimitado”, porque não há nos textos indicação explícita de que a história terminou. O texto às vezes é arrematado mas no seu todo não corresponde a um evento desenvolvido, embora a sentença final até possa sugerir a possibilidade de desenvolvimento, como se vê em (19). Outras vezes o texto nem começa a ser desenvolvido; a criança enuncia a frase-núcleo que contém o evento a ser segmentado, passa a descrever o cenário e interrompe sua história, como em (20).

(19) Um dia, né, fui lá p^a São Paulo ...
brinquei muito lá.
Lá tinha piscina, parque...
Eu tomei banho de piscina e brinquei no parque.
Fui para o Bom Preço... comprei ovos... comprei tudo
que tinha de bom.

E depois eu desci de novo para brincar com meus amigos que tinha lá embaixo (Marcelo 6 : 9)

(20) Hoje eu fiz muito passeio... muito..
lá no aeroporto... que tem muito...
lá onde que tem um boi...
tem um boi...
lá longe. (Valder, 3 : 2)

Nos dois exemplos acima, mesmo não estando a história concluída em relação à estrutura do evento narrado, interpretamos o silêncio da criança como uma pista de que ela

julgava ter terminado seu texto (ou o que ela tomou como tarefa).

Os delimitadores **metatextuais** não estão propriamente ligados ao texto mas ao contexto da tarefa e relacionam-se diretamente com o ato de contar e não com o que é contado propriamente. Por isso têm um poder definitório sobre a estrutura que instauram ou interrompem como mecanismos de delimitação. A elocução desse tipo de expressão no início da narrativa serve para criar uma situação pragmática particular para a entrada em cena de um universo discursivo diferente do que se desenvolvia até então. Os exemplos (21, 22, 23 e 24) ilustram esse tipo de procedimento para iniciar ou concluir a tarefa de contar história.

- (21) Vou contar meu passeio.
- (22) Eu já contei aquela do zoológico?
- (23) Foi só isso, mais nada.
- (24) Ai pronto.

Delimitadores deste tipo correspondem ao que Gopnik (1986) denomina de delimitadores metalingüísticos. Ela afirma que estes, na verdade, não são delimitadores porque não fazem parte do texto, apenas comentam sobre o texto. Julgamos, porém, encontrar outras funções para este tipo de delimitador. No início do texto, esses delimitadores podem representar uma estratégia pragmática que consiste em preparar o interlocuto para ouvir a narrativa, ou seja, indicar que aquilo que vai ser dito é diferente da matéria da conversação anterior, criando uma expectativa no ouvinte e delimitando o tópico discursivo, conforme mostramos em (21). No final do texto, o delimitador metatextual liga-se ao contexto da tarefa, através de expressões que podem representar a intenção da criança de informar que o texto está concluído, mesmo que isto não corresponda ao plano da narrativa, como em (22), se considerarmos como final a conclusão do evento.

- (22) Eu fui p'ra Rio de Janeiro e São Paulo,
Passei é ... quatro... é... quatro dia em Rio e... e três
em São Paulo Paulo.
Eu... eu... eu fui p'ra Pão de Açúcar, p'ro
Corcovado, p'ro Cristo Redentor.
E... p'ro Zoológico. No zoológico tinha muitos
animais.
Foi só isso, mais nada. (Karine, 7 ; 7)

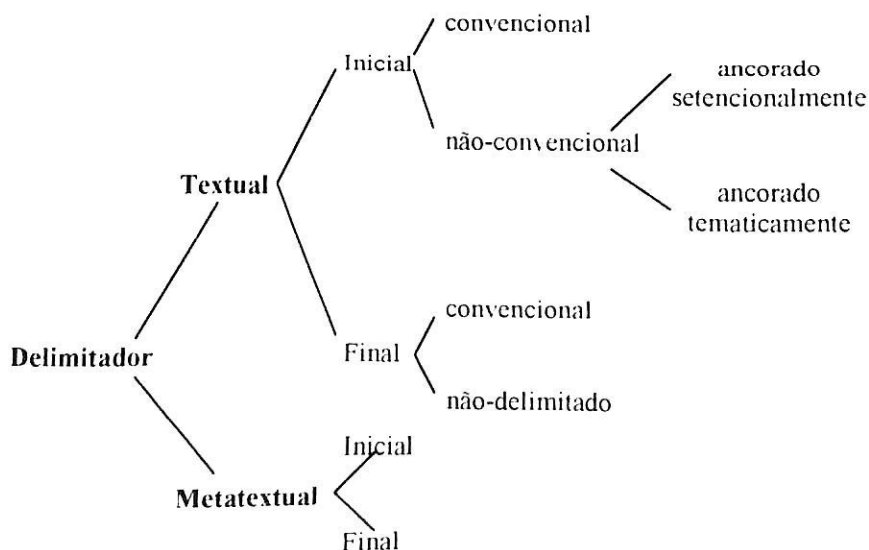
Finais deste tipo parecem indicar que a criança sabe que o ouvinte conhece o esquema que deveria ser preenchido e espera mais do que aquilo que ela contou. É possível que a criança prefira quebrar essa expectativa, por uma questão de eficácia ou desinteresse pela tarefa.

Quase sempre inícios e finais metatextuais coocorrem com outros tipos de delimitadores iniciais e finais. Decidimos computá-los apenas quando coocorriam com inícios não-convencionais e finais não-delimitados, pois, como estes não têm marcas específicas que os identifiquem, a não ser a pergunta-motivadora no início do texto, é possível supor que um comentário metalingüístico represente um elemento indicativo de controle da tarefa, que não existe quando a narrativa é apenas ancorada. No final, este comentário pode ser igualmente revelador, tanto em relação ao controle da tarefa como de uma capacidade emergente de monitoramento e/ou avaliação da produção textual.

Na escrita podem ser usados recursos metatextuais, na maioria dos casos como reforço para delimitadores textuais, tais como a palavra fim ou expressões equivalentes, asteriscos, traços ou desenhos. É possível que os delimitadores metatextuais representem uma etapa de preparação para mecanismos mais explícitos de indicação do início e final de textos. Talvez seja por esta razão que eles não tendam a desaparecer, mas a ocorrer concomitantemente com os delimitadores textuais, atuando funcionalmente como

indicadores da etapa de planejamento/ideação dos textos orais, e como forma de assegurar a cooperação do interlocutor em termos de atenção, ativação de cenários ou checagem de conhecimento partilhado.

Concluindo nossa proposta de análise dos delimitadores, apresentaremos o esquema abaixo que expõe mais claramente as oposições sugeridas.



Nas seções que desenvolveremos a seguir faremos uma análise quantitativa e qualitativa dos diversos tipos de delimitadores que ocorrem no início e final de textos orais e escritos da amostra e compararemos as duas modalidades lingüísticas segundo a forma como a criança delimita seu texto.

4 - Como as crianças delimitam seu texto na modalidade oral.

Faremos agora uma análise dos tipos de delimitadores usados pelas crianças em sua produção espontânea. Estamos trabalhando com o pressuposto de que uma das possibilidades que a criança tem de demonstrar que opera com o conceito de texto é delimitando as fronteiras deste. Também supomos que estes delimitadores vão-se tornando, com a idade, mais convencionais e desvinculados do contexto situacional e se apresentarão através de expressões mais ou menos previsíveis.

Em primeiro lugar trataremos dos delimitadores iniciais. Apresentamos na tabela 01 a freqüência com que estes recursos foram utilizados pelas crianças em seus textos. Para facilitar a comparação e organizar a tabela mais adequadamente, dividimos os delimitadores em dois grupos: **ancorados e não-ancorados** e dentro desta divisão encaixamos os diferentes tipos discutidos acima.

Tabela 01

Distribuição (%) dos textos orais em função da presença de diferentes tipos de delimitadores iniciais e dos grupos etários

Idade (n=10)	Tipos de delimitadores			
	não-ancorados		ancorados	
	metatextuais	convencionais	sentencialmente	tematicamente
3 anos	-	-	50	50
5 anos	10	20	20	50
6 anos	10	20	-	70
7 anos	-	20	-	80
9 anos	-	20	14	62
Média	4	20	14	62

Esta tabela mostra que:

a) a delimitação se dá predominantemente por ancoragem temática, embora o grupo de 3 anos tenha apresentado distribuição equivalente das marcas de ancoragem sentencial e temática;

b) a ancoragem sentencial é um procedimento que ocorre nos grupos mais novos (3 e 5 anos), desaparecendo a partir dos 6 anos;

c) a partir dos 5 anos há mais diversificação no tipo de delimitação do texto, embora as crianças mais velhas tendam a restringir seus delimitadores a dois tipos: convencionais e ancorados tematicamente;

d) os delimitadores não-ancorados só ocorrem a partir dos 5 anos.

Conforme os dados, na modalidade oral, a delimitação do texto se faz menos por expressões codificadas e mais no nível do tópico. Até os cinco anos o comportamento da criança quanto a estratégias para iniciar seu texto é predominantemente dialógico, mas é também a partir dessa idade que se observa a emergência da habilidade de estabelecer limites para a narrativa, de modo a indicar que ela pode desvincular-se da conversação anterior (cf. exemplos (23) a (26). Em alguns casos, as crianças aproximam-se do comportamento de um dos adultos entrevistados: primeiro teceram considerações a respeito da tarefa ou prestaram informações para esclarecer o que ia ser narrado, para depois iniciar a narrativa com um delimitador convencional.

(23) Pode ser zoológico? (Hismael, 5;10)

(24) Então eu vou contar um passeio quando eu fui lá pra Belo Horizonte. Foi assim ... Começou tudo quando eu estava lá ... no começo de Belo Horizonte ...

- (25) É porque eu não .. eu não sou daqui, né? Eu sou do Rio Grande do Sul, lá de porto Alegre. Aí todo fim de ano a gente vai prá lá; eu, papai, mamãe, vamo prá lá, a gente visitamo o pessoal de lá, né? Aí a gente foi ... Um dia a gente foi na casa da minha prima. Passo dias lá, sozinha. porque gosto muito de lá. (Aline, 9;5)
- (26) Bom, é ... um passeio que eu me lembro .. pode-se considerar um passeio com.. Num sei se a Cristina estava também, é, num .. não a Cristina não estava nesse, desculpe. Mas era um grupo de americanos que estava aqui na universidade, ainda estão, por sinal, e .. nós fomos a ... nós nos reunimos aqui, pegamos o ônibus aqui e fomos à praia. (Roderick,20)

Podemos constatar, a partir dos dados, que com a idade/escolaridade as crianças vão desenvolvendo estratégias para destacar seu texto do contexto pragmático e ao mesmo tempo organizar o cenário que justificará ou determinará a continuidade das entidades e ações. Nos textos orais, estes começos têm função dupla (pragmática e estrutural), uma vez que, numa perspectiva funcional, não se concebe uma narrativa oral sem um ouvinte presente para quem o falante sinaliza a mudança de tópico, mas é possível identificar a fronteira da narrativa propriamente dita, marcada estruturalmente.

Analisaremos agora o modo como os delimitadores finais são constituídos em termos de expressão lingüística e tentaremos verificar se há alguma relação entre estes e os delimitadores iniciais. A tabela 02 mostra a distribuição dos delimitadores finais.

Tabela 02

Distribuição (%) dos textos orais em função da presença de diferentes tipos de delimitadores finais e dos grupos etários (n=10)

Idade	Tipos de delimitadores		
	convencional	metatextual	final não-delimitado
3 anos	20	20	60
5 anos	40	30	30
6 anos	60	30	10
7 anos	60	30	10
9 anos	70	20	10
Média	48	28	24

Com base na tabela observamos que:

a) a estratégia predominante para indicar o final dos textos é a delimitação convencional;

b) a distribuição de frequência entre delimitadores convencionais e finais não-delimitados tende a ter um sentido inverso de crescimento até os 6 anos; enquanto a primeira aumenta, a segunda diminui com a idade. Os textos com final não delimitado não chegam a ser relevantes no conjunto dos dados e concentram-se praticamente no grupo de 3 anos, que não desenvolve certas categorias narrativas.

c) procedimentos metatextuais para concluir histórias são usados por todos os grupos, embora com frequência baixa. Como dissemos anteriormente, a delimitação metatextual caracteriza-se por ter uma função pragmática, mas revela um controle da execução do plano de texto de forma curiosa: a criança avisa que terminou a tarefa, porque sabe que o texto

como tal não está concluído e ela certamente não quer continuar a falar.

Os dados sugerem que a partir dos 6 anos a criança já desenvolveu habilidades para construir narrativas, no sentido de conclusão do plano global do texto, compatíveis com as das crianças maiores. Este resultado contraria a constatação de Gopnik (1986), cujos dados revelaram que a criança vai usando menos finais formais à medida que fica mais velha. Não sabemos exatamente a forma como se expressam linguisticamente os finais formais usados pelos sujeitos estudados por Gopnik, portanto é difícil julgar se a comparação é procedente⁹. De qualquer modo, julgamos necessário um estudo mais aprofundado da questão do delimitador final, tanto em contos de fadas como em histórias do dia-a-dia. O que encontramos nos dados deste trabalho só permite fazer considerações muito gerais e provisórias.

5 - Como as crianças delimitam seu texto na modalidade escrita

Nesta seção faremos uma análise dos delimitadores usados nos textos escritos. Como procedemos em relação à modalidade oral, trataremos inicialmente dos delimitadores iniciais e em seguida dos finais. Em relação aos primeiros, sugerimos uma escala tipológica considerando também as formas usadas pelos adultos nos textos pesquisados. A tabela 03 mostra a frequência de cada tipo de delimitador encontrado nos textos escritos.

⁹ Gopnik (1986) comparou textos de crianças de 4, 5 e 6 anos de idade em relação ao uso de expressões codificadas para iniciar e terminar o texto, mas não especifica tais expressões. Seria o caso de "... e eles foram felizes para sempre?"

Tabela 03

Distribuição (%) dos textos escritos em função da presença de diferentes tipos de delimitadores iniciais e dos grupos etários (n=10)

Idade	Tipos de delimitadores			
	não-ancorados		ancorados	
	metatextuais	convencionais	sentencialmente	tematicamente
6 anos	-	10	-	90
7 anos	-	70	-	30
9 anos	-	90	-	10

Estes dados indicam que:

a) a delimitação inicial de textos na modalidade escrita restringe-se à forma convencional e à ancoragem temática, sendo a primeira predominante no conjunto dos textos;

b) a diferença entre os 6 e 7 anos é muito marcante tanto em relação ao uso de delimitadores convencionais, como de ancoragem temática.

Os resultados permitem concluir que a delimitação convencional está fortemente relacionada com o uso da escrita e que a frequência deste tipo de delimitação sobe à medida que a criança domina as regras e convenções daquela modalidade lingüística. Os textos dos adultos apresentaram resultados idênticos aos das crianças de 9 anos. Não esperávamos encontrar inícios ancorados entre os adultos, mas isto não seria improvável, basta lembrar que este tipo de delimitação é muito usado por escritores proficientes com fins estéticos (é o caso de muitos textos literários).

Quanto à questão apresentada inicialmente, ou seja, se estes delimitadores teriam uma forma previsível, apresentando-se através de uma configuração mais ou menos fixa, tudo indica

que essa forma se relaciona com o tipo de entidade a ser introduzida: ser, objeto ou expressões temporais e locativas, por exemplo. Verbos existenciais introduzem, de forma indefinida, seres ou objetos, geralmente situados no tempo e no espaço também indefinidos como em (27). Seres ou objetos são também introduzidos pela expressão cristalizada “Era uma vez um...”, mas não se espera que alguém diga (28), e, de fato, apenas um dos sujeitos usou essa expressão formulaica em seu texto escrito, como em (29).

(27) Havia numa cidade distante um homem que...

(28) Era uma vez um passeio. (Fábio. 7:5)

(29) Era uma vez um dia/final de semana/natal/noite

A análise de (28) indica que, embora inadequada, a escolha da criança revela seu processo de compreensão do texto como estrutura e da função dos delimitadores convencionais para a instauração da textualidade.

5.1. Estruturas típicas de inícios de narrativas

Para tentar resolver a questão de se haveria um padrão previsível para a estrutura do delimitador convencional, fizemos um levantamento das formas que ocorrem com maior frequência em textos orais e escritos. Julgamos ser possível prever estruturas típicas de inícios de narrativa, mostrando que elas se relacionam com o tipo de entidade a ser introduzida no texto (ser, objeto, evento, lugar), com a forma como ela é introduzida, regulada por parâmetros de referencialidade (verdadeiro, verossímil) e por regras discursivas, que estabelecem que a primeira referência de entidades desconhecidas feita através de expressões indefinidas. Interessa-nos verificar se em narrativas corriqueiras havia o uso de delimitadores formais e se a estrutura destes era previsível. Pensando nessas estruturas como

uma espécie de escala de estereótipos, propusemos a seguinte gradação, do mais convencional (1) ao menos convencional (6).

1. Expressão, formulaica ou não, com verbos existenciais seguidos de SN indefinido (Era uma vez um(a)..., Havia um(a)...);

2. Artigo ou pronome indefinido + entidades temporais, objetos, seres ou lugares (Uma noite..., certo dia..., numa cidade distante...) que podem aparecer isolados ou combinados;

3. Verbos experienciais e transferenciais + SN indefinido (conheci um padre..., Eu estava passeando e vi..., Tenho um tio...);

5 Extração de partes plurais (Dentre os passeios..., Dos passeios que já fiz...);

6. Predicados identificacionais em que o primeiro argumento é o nome próprio e o segundo um SN indefinido (Pedro é um rapaz..., Barra Nova é uma linda praia...);

7. Expressões temporais dêiticas (Sábado passado, no último natal, quando eu era criança...) ou relativas ao tempo e à memória (Por mais que o tempo passe não consegue apagar uma..., Ainda guardo na memória um...) e expressões indefinidas catafóricas (Tudo começou...).

A estrutura de delimitadores formais mais estereotipada é aquela que se liga preferencialmente a seres ou lugares mitificados, muito comuns nos contos de fadas e nas narrativas populares (mitos, contos de carochinha), e não esperávamos encontrá-la em nossos dados. Testando tanto essa gradação quanto a sua relação com a idade e a escolaridade chegamos à Tabela 04.

Tabela 04

Distribuição (%) dos delimitadores convencionais de textos escritos em função de escala tipológica e grupos etários (n=10)

Sujeitos	Tipos de delimitadores convencionais					
	1	2	3	4	5	6
6 anos	-	3	-	-	-	-
7 anos	3	16	3	-	-	-
9 anos	-	29	3	-	-	-
Adultos	-	3	-	7	3	29
Média Total	3	52	6	7	3	29

A tabela mostra que:

a) os delimitadores usados nos textos escritos concentram-se em dois pontos diferentes da escala, com frequência pouco relevante nos demais;

b) os textos das crianças concentram-se num ponto em que o grau de convencionalidade é mais alto que aquele em que figuram os textos dos adultos. Este resultado sugere que, em textos escolares escritos há tendência para o uso de delimitadores convencionais, a qual se amplia à medida que as crianças tornam-se mais velhas.

Os dados permitem constatar que os esquemas transferidos pela escola, através da leitura ou das aulas de redação, atuam como pressão rumo ao estereótipo. Comparando os resultados dos textos de crianças e de adultos observa-se que enquanto aquelas se concentram no ponto mais alto da escala estes procuram o ponto menos estereotipado. Um comentário que se pode fazer a respeito dessa diferença é que as crianças

procuram tornar seu texto eficiente (legível, de acordo com as normas etc.), já os adultos visam escrever um texto interessante, sem prejuízo das regras discursivas, pois, mesmo não usando uma fórmula cristalizada, a entidade introduzida no delimitador textual ou é um local da região, supostamente conhecido do leitor, ou um nome precedido de artigo indefinido.

5.2. Delimitadores finais

A delimitação final dos textos escritos será discutida a seguir. A tabela 15 apresenta a frequência com que os diversos tipos de delimitadores finais convencionais foram usados.

Tabela 05

Distribuição (%) dos delimitadores convencionais de textos escritos em função da presença de diferentes tipos de delimitadores finais e grupos etários (n=10)

Idade	Tipos de delimitadores		
	convencional	metatextual	final não-delimitado
6 anos	70	20	10
7 anos	80	-	10
9 anos	100	-	-
Média	83	7	10

Esta tabela mostra que:

a) a delimitação final dos textos escritos é predominantemente convencional;

b) este procedimento já é usado com frequência bastante alta desde os 6 anos, embora crianças de 6 e 7 anos usem ainda outros procedimentos de delimitação.

Constata-se, assim, que ao iniciar a escrita as crianças já sabem lidar com o plano de texto e revelam isso concluindo-o satisfatoriamente, de modo comparável ao dos adultos que apresentaram um percentual de 90% de textos delimitados de modo convencional. Os casos de delimitação metatextual foram realizados através da palavra “fim”. Não foram usados recursos gráfico-visuais como desenhos, estrelinhas, traços ou elementos contextualizadores como a assinatura, pois os dados do aluno ou algum desenho são colocados de forma padronizada no início do texto, numa espécie de cabeçalho.

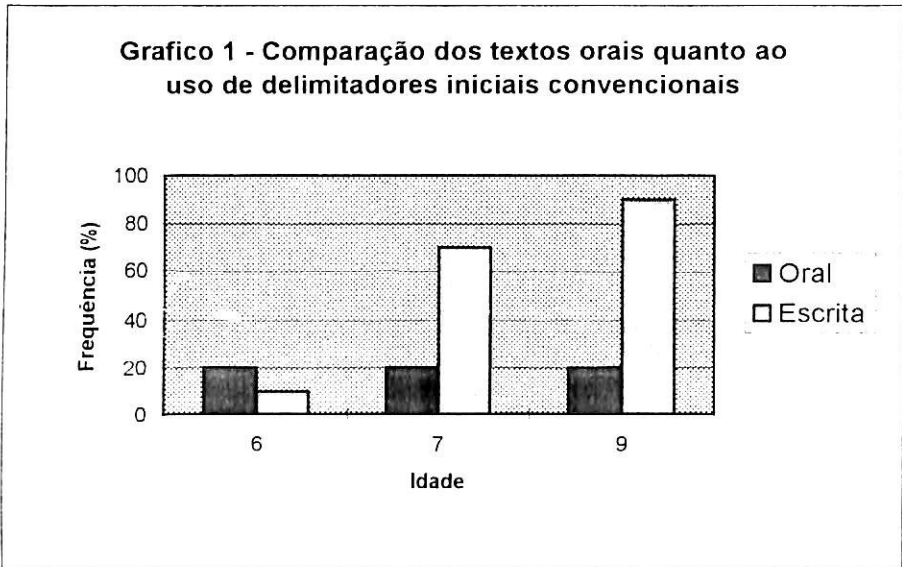
Não observamos qualquer relação entre delimitadores iniciais e finais no sentido de ser possível fazer previsões do tipo – o texto que tiver inícios formais terá também finais formais, ou qualquer outro tipo de combinação. A única conexão que pode haver entre inícios e finais convencionais é que ambos são usados mais frequentemente na escrita e que a incidência desse tipo de delimitadores aumenta nos textos das crianças mais velhas e no dos adultos.

6. - Comparando modalidade oral e escrita

O critério geral usado para classificar os delimitadores como convencionais e não-convencionais é o mesmo na modalidade oral e escrita, ou seja: a) a relação entre esses fechos com o início e a conclusão do evento, estabelecendo o percurso temático, e com o plano global do texto mantido na memória; b) a existência ou não de expressões lingüísticas estereotipadas que indiquem a instauração de entidades de forma indefinida ou concluem o texto com comentários avaliativos.

Comparando os delimitadores iniciais usados em textos orais e escritos, constatamos em primeiro lugar, que apesar de o total destes recursos ser mais baixo na língua oral que na escrita, há em ambas as modalidades uma tendência ao aumento da frequência de uso dos delimitadores com a idade e a escolaridade, e em decorrência da familiaridade com as

convenções da escrita. O gráfico 1 apresenta comparativamente a diferença entre as duas modalidades quanto ao uso de delimitadores convencionais no início do texto, nos grupos em que há dados comparáveis (6 e 9 anos).



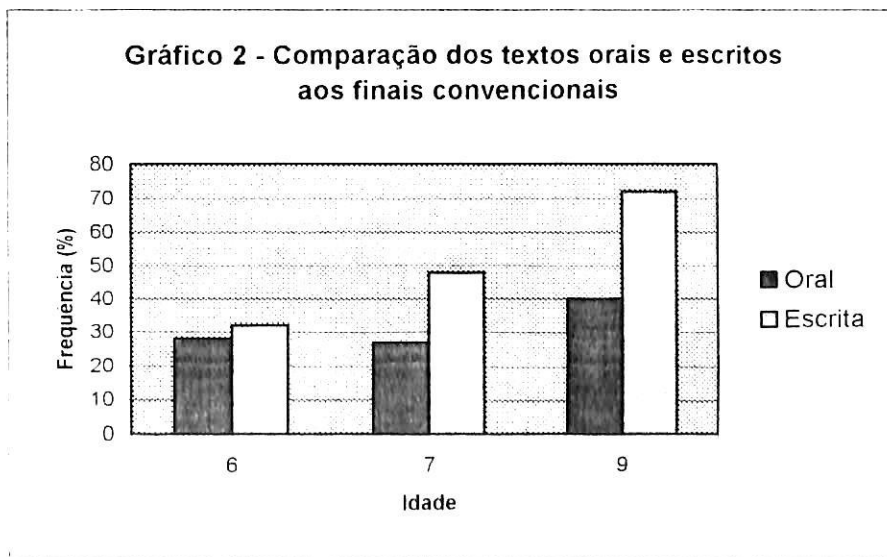
É interessante notar que as crianças de 6 anos usam mais delimitadores convencionais na produção oral que na escrita, embora a diferença não pareça quantitativamente relevante. Queremos crer que a criança, além de transferir da fala para a escrita algumas habilidades que já possui quanto à produção de textos, toma consciência da pressão situacional, relativamente ao que dela se espera e ao que pode ser produzido oralmente ou por escrito. Em ambos os casos, porém, os dados deixam patente que a criança concebe o texto como um todo, uma estrutura cujo começo ela deve marcar de forma explícita, lingüística ou pragmaticamente. Estas marcas representam não só o limite inicial, mas pistas para o desenvolvimento do texto.

Passaremos agora a tratar dos delimitadores finais. Comparando as expressões usadas nos textos orais e escritos distinguimos nestes, conforme exemplos (30) e (31), uma identificação dos delimitadores finais com formas transferidas de livros.

(30) ... e quando anoiteceu, nós subimos e escovamos os dentes e jantamos e fomos dormir e *tudo terminou feliz para sempre.* (Maysa Germana, 7:5)

(31) (...) devemos fazer coisas boas e se são certas ficarão no coração. (Maysa, 9,8)

O uso de delimitadores finais pelos diferentes grupos apresenta um crescimento diferente daquele observado na modalidade oral, cujo número permanece quase inalterado dos 6 aos 9 anos. Se desprezarmos os dados referentes aos textos orais das crianças de 3 a 5 anos e compararmos apenas os grupos de 6, 7 e 9 anos, vamos observar que as crianças preferem o delimitador formal para concluir seu texto, que essa preferência cresce com a idade/escolaridade e que revela maior incidência na modalidade escrita (Gráfico 2).



A análise do gráfico 2 vai mostrar que as estratégias para delimitação final do texto são semelhantes na modalidade oral e na escrita, apresentando uma frequência quase igual no grupo de 6 anos. Na escrita há uma diferenciação maior entre os 6 e 9 anos, mas podemos sugerir que aos 6 anos a criança já delimita o seu texto com eficiência na modalidade oral. Uma observação final é que, embora a escrita favoreça o uso de delimitadores formais, estes também são predominantemente empregados na modalidade oral.

A conclusão de nossa análise pode indicar que a habilidade de marcar limites para o começo e o final do texto separando, particularmente na conversação, o texto da conversa que o procedia ou sucedia, desenvolve-se com a idade, favorecida pelo contexto escolar, que elege um estereótipo estrutural, ao que tudo indica, para garantir a legibilidade através de marcadores que orientarão com maior segurança o percurso interpretativo.

Referências Bibliográficas

- BAMBERG, M.G.W. (1986) A functional approach to the acquisition of anaphoric relationships. *Linguistics*, 24, 227-87
- HALLIDAY, M.A.K. e HASAN, R. (1976) *Cohesion in English*. London: Longman.
- HICKMANN, M. (1980) Creating referents in discourse: a developmental analysis of linguistic cohesion. In J. Kreiman e E. Ojeda (eds), *Papers from the Parasession on Pronouns and Anaphora*, 192-203. Chicago Linguistic Society.

- _____ (1982) *The development of narrative skills: pragmatic and metapragmatic aspects of discourse cohesion*. Doctoral dissertation, University of Chicago.
- _____ (1991) The development of discourse cohesion: some functional e cross-linguistic issues. In G. Piérault-Le Bonniee e M. Dolitsky (eds), *Language Bases...Discourse Bases*. Amsterdam: Benjamins.
- KARMILOFF-SMITH, A. (1979) *A Functional Approach to Child Language: a study of determiners and reference*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CHAFE, W (1980) The deployment of consciousness in the production of a narrative. In: CHAFE, W (ed.) *The pear stories: cognitive, cultural and linguistic aspects of narative production*. Norwood, N.J., Ablex.
- GOPNIK, M. (1986) The development of conexity in young children. In: PET6OFL, J. S. (ed) *Text conectedness from psychological point of view*. Hamburg, Burke.
- KARMILOFF-SMITH, A. 1980. Psychological processes underlying pronominalisation in children's connected discourse. In: KREIMAN, J. e OJEDA, A. E. (eds.) *Papers from parassession on pronouns and anaphora*. Chicago, Chicago Linguistic Society.
- _____ (1981) The gramatical marking of thematic structure in the development of language production. In: DEUTSCH, W. (ed.) *The child's construction of language*. London, Academic press.
- _____ (1986) Language development after five. In: FLETCHER, P. e GAVRUAN, M. (eds.) *Language Acquisition*. Cambridge, CUP.
- MACHADO, A.M. (1980) *História meio ao contrário* São Paulo, Ática.
- MARCUSCHI, L.A. (1983) *A lingüística do texto: o que é e como se faz*. Série Debates. 1. Recife, UFPE.

- PRINCE, C.E.F.(1981) Toward a taxonomy of given new information. In: COLE, P. (ed) *Radical Pragmatics*. New York, Academic Press. p. 223-255.
- ROCHA, R. (1985) *Cometa Halley*. São Paulo, Círculo do Livro.
- SCHVEIGER, P. (1986). A classification of texts: aspects of pathological (aphasic) performance. In: PETÖFI, J.S. *Text connectedness from psychological point of view*. Hamburg, Burke.
- TANNEN, D. (1982) The oral/literate continuum in discourse. In: TANNEN, D. (ed.) *Spoken and written language: exploring orality and literacy*. Norwood, N.J., Ablex.
- VIEIRA, M.A.R. (1987). *L'ellipse - une étude textuelle chez les enfants bresiliens*. These de PHD. Université de Montreal.
- _____ (1989) O desenvolvimento da elipse em textos narrativos, descritivos e argumentativos. In: KATO, M.A. (org.) *A concepção da escrita pela criança*. São Paulo, Pontes: 165-191.
- _____ (1996) Inferências de ligação e de elaboração na produção de textos. *Boletim da ABRALIN*, 26: 137-152.